



IV Congresso de Educação do CPAN
III Semana Integrada de Graduação e Pós-Graduação do CPAN
'Interfaces da docência: olhares e movimentos da formação inicial de professores'

AS FEMINILIDADES NO LIVRO “AS AVENTURAS DA PRINCESA PANTANEIRA” EM PROJETOS E AÇÕES EM INSTITUIÇÕES EDUCATIVAS DE CORUMBÁ/MS

Francisca Alves da Silva Stefanelli

Constantina Xavier Filha

RESUMO: O artigo tem por objetivo relatar as experiências e discussões sobre feminilidades mediadas pelo livro “As aventuras da Princesa Pantaneira”, de Tina Xavier (2012). Os pressupostos teóricos fundamentam-se nos Estudos Culturais, Estudos de Gênero e pressupostos foucaultianos. O texto é parte integrante dos estudos do Grupo de Estudos e Pesquisas em Sexualidades, Educação e Gênero-GEPSEX/UFMS. O livro “As aventuras da Princesa Pantaneira” narra a história de uma princesa criança, corajosa e valente que vive suas aventuras no Pantanal sul-mato-grossense. O livro para a infância é um artefato cultural que produz e/ou reproduz e veicula em seu texto (verbal e ilustrativo) representações de gênero, ensinando modos de ser menina, menino, homem, mulher. Ele traz em suas páginas grande diversidade de experiências que vão sendo construídas em múltiplos contextos de nossas vidas. As significações e os efeitos que estão presentes nos livros são importantes, uma vez que as crianças, como sujeitos sociais, interagem nas inúmeras discussões da nossa sociedade a partir das discussões do livro. O livro citado foi adotado em ações de projetos realizados pela Secretaria Municipal de Educação de Corumbá nos anos de 2017, 2018 e 2019. No decorrer do desenvolvimento das experiências realizamos diversas atividades buscando problematizar e discutir com as crianças sobre outros jeitos de ser princesa. A princesa Camuela destoa das princesas que a maioria dos livros infantis trazem. A construção da identidade de gênero, a partir do modelo de feminilidade vivido pela protagonista, é algo contínuo, que está em constante processo de negociação. Descreveremos algumas das ações desenvolvidas pensando nas questões identitárias de gênero e também nas questões sobre pertencimento local e identidade sul-mato-grossense.

PALAVRAS-CHAVE: Feminilidades; gênero; livros para a infância.

INTRODUÇÃO

O presente texto tem por intuito relatar e discutir as experiências mediadas pelo livro para a infância “As Aventuras da Princesa Pantaneira”¹ de Tina Xavier (2012), vividas no decorrer de projetos e ações em instituições educativas e em projetos da Secretaria Municipal de Educação, nos anos de 2017, 2018 e 2019, no município de

¹XAVIER FILHA, Constantina. *As aventuras da Princesa Pantaneira*. Campo Grande, MS: Life Editora, 2012.



IV Congresso de Educação do CPAN
III Semana Integrada de Graduação e Pós-Graduação do CPAN
'Interfaces da docência: olhares e movimentos da formação inicial de professores'

Corumbá, Mato Grosso do Sul. O artigo integra-se aos estudos do Grupo de Estudos e Pesquisas em Sexualidades, Educação e Gênero – GEPSEX/UFMS. O referido grupo tem por finalidade propiciar discussões, estudos, projetos de pesquisas e de extensão nas temáticas de gênero, sexualidades, diversidades/diferenças e educação, Estudos de Gênero, Estudos das Sexualidades, Estudos Feministas e pressupostos foucaultianos.

Conceituamos os livros infantis como artefatos culturais, que na perspectiva dos Estudos Culturais são parte integrante das pedagogias culturais, discutindo, produzindo/reproduzindo saberes e valores, que muitas vezes regulam modos de ser, agir e constituem identidades. O livro infantil é um artefato cultural que produz/reproduz e veicula em seu texto (verbal e ilustrativo), representações de gênero, ensinam modos de ser menina, menino, homem, mulher. Ele traz em suas páginas diversidades de experiências que vão sendo construídas em múltiplos contextos da nossa vida. São importantes as significações e os efeitos que estão presentes nos livros infantis, uma vez que as crianças são atravessadas pelas inúmeras discussões da nossa sociedade e elas também interagem ativamente como seres sociais que são.

Nas narrativas do livro “As aventuras da Princesa Pantaneira” apresenta como protagonista uma princesa criança, alegre, corajosa e valente ressaltando ser uma princesa diferente da apresentada por muitos outros livros, portanto diferente da princesa idealizada culturalmente, ou seja, aquela frágil, indefesa e à espera de ser salva por um príncipe. A princesa é denominada de Camuela e além do livro também é protagonista de um filme de animação que é intitulado “A princesa Pantaneira”. No filme, segundo a diretora, ela é “apresentada ao/a espectador/a como criança, alegre, feliz, corajosa, inteligente, com muitas qualidades, querida pelas pessoas do seu reino e pelos bichos do Pantanal” (XAVIER FILHA, 2014, p. 100).

O livro da princesa Camuela foi utilizado como mediador de leituras em várias ações e projetos em instituições de Educação Infantil e escolas das séries iniciais do Ensino Fundamental. As ações foram fruto de projeto da Secretaria de Municipal de Educação de Corumbá² que serão detalhadas na segunda parte do artigo.

²Projeto de incentivo à leitura: biblioteca itinerante da REME, desenvolvido no ano de 2017; Projeto: De canoa vou brincar: zinga aqui, zinga acolá, uma história vou contar, desenvolvido nos anos de 2018 e 2019, tendo como público alvo alunos/as da Educação Infantil e Ensino Fundamental.



IV Congresso de Educação do CPAN
III Semana Integrada de Graduação e Pós-Graduação do CPAN
'Interfaces da docência: olhares e movimentos da formação inicial de professores'

O presente texto está dividido em duas partes. A primeira discutiremos sobre o conceito do livro infantil como um artefato cultural e pedagógico. A segunda, subdivida em dois itens, no primeiro com a descrição das ações desenvolvidas e na segunda com as discussões de gênero e as demais fundamentações teóricas que nos instigaram a pensar e desenvolver as ações e projetos.

O LIVRO INFANTIL COMO ARTEFATO CULTURAL

O livro infantil é um artefato cultural e pedagógico³, sendo um instrumento pedagógico excessivamente difundido e que continua sendo um dos portadores de conhecimentos na Educação Infantil e nas séries iniciais do Ensino Fundamental. Tratamos neste texto o livro como um artefato cultural e didático que além de ensinar conceitos, normas, regras, também indicam modos de ser menina/menino, mulher/homem, dentre tantas outras formas de gênero.

As obras infantis são “tomados aqui como importantes artefatos culturais produzidos para a infância” (XAVIER FILHA, 2014, p. 155), como já destacado. São instrumentos pedagógicos importantes, pois são utilizados desde a Educação Infantil até as séries iniciais do Ensino Fundamental. Na presente análise dos livros para a infância, utilizamos o conceito de Xavier Filha (2014) que considera que “os artefatos culturais produzem significados, ensinam determinadas condutas às meninas e aos meninos e estabelecem a forma “adequada” e “normal” de viver a sexualidade, a feminilidade ou a masculinidade” (XAVIER FILHA, 2014, p. 155).

Os livros para a infância como elementos culturais contém/legitimam/produzem/socializam/reproduzem e trazem significados, marcas de classe, etnia, religião, gênero, sexualidade, que estão presentes no dia a dia escolar, intercalando “silenciamento” de vozes, integrando e legitimando, definindo representações e identidades.

A obra infantil “As aventuras da Princesa Pantaneira”, vêm sendo acionados na educação das crianças propondo maneiras de educar os meninos e as meninas. Na

³Este item é parte reescrita e reelaborada da dissertação de mestrado: STEFANELLI, Francisca Alves da Silva. “As feminilidades nos livros para a infância do Acervo das obras complementares do Programa Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa”. UFMS/Campus de Corumbá, 2015 [Dissertação de Mestrado] Orientação da Prof^aDr^aConstantina Xavier Filha.



IV Congresso de Educação do CPAN
III Semana Integrada de Graduação e Pós-Graduação do CPAN
'Interfaces da docência: olhares e movimentos da formação inicial de professores'

mesma perspectiva, Sabat (2008, p. 149) conceitua “um artefato cultural que comporta uma pedagogia destinada a ensinar procedimentos, a regular conduta, a direcionar desejos e comportamentos”.

Segundo a autora as inúmeras ferramentas culturais existentes têm como principal função con/formar os sujeitos, adaptando-os de acordo com as normas sociais.

Na concepção de Xavier Filha e Rocha (2014) os elementos culturais também:

[...] produzem/reproduzem/veiculam determinadas concepções do que é ser menino/homem, menina/mulher, homossexual/heterossexual, criança/adulto, dentre outros temas, valendo-se muitas vezes de enunciados considerados verdade taxativa e única, como se constituíssem a ‘essência’ dos sujeitos” (p. 175).

Os artefatos culturais, então, são importantes, pois “produzem significados, ensinam determinadas condutas às meninas e aos meninos e instituem a forma adequada e “normal” para a vivência da sexualidade e da feminilidade ou masculinidade” (XAVIER FILHA, 2012, p. 161). Voltando-nos especificamente para os livros para a infância, é importante lembrar que os mesmos “são artefatos culturais que merecem destaque, estudo, apreciação e interesse por seus textos (escritos e ilustrativos)”. (XAVIER FILHA, 2012, p. 166). Podemos então pensar que os elementos culturais reiteram modelos normativos, ensinam e prescrevem modos de agir, produzindo identidades, inclusive identidade de gênero. Isso nos leva a pensar na importância de estarmos atentas a todos os artefatos culturais não só os livros para a infância, mas também a eles. Que tipo de feminilidade eles estão forjando? Que tipo de masculinidade? Como os meninos são descritos? O que se espera deles? O mesmo se aplica às meninas. Que tipo de princesa os livros apresentam? Como elas se comportam? Que novos tipos de princesas são produzidos? Como pensar novos jeitos de ser menina e de ser menino?

Os livros fazem parte de pedagogias mais amplas que são as pedagogias culturais: “as pedagogias culturais instigam-nos a pensar sobre o que está sendo produzido para a infância na atualidade e sobre como as crianças se apropriam de tais produtos mediante discursos e constituição de suas identidades” (XAVIER FILHA, 2009, p. 72), ou seja, as pedagogias culturais se preocupam em abordar os produtos construídos tendo a infância enquanto foco, tornando-se ‘locais’ importantes de produção de identidades.



IV Congresso de Educação do CPAN
III Semana Integrada de Graduação e Pós-Graduação do CPAN
'Interfaces da docência: olhares e movimentos da formação inicial de professores'

Xavier Filha e Bacarin destacam que há “pedagogias culturais em todo espaço social e cultural que apontem as formas desejáveis de ser menina, de ser menino, de bem portar-se, de viver masculinidades e feminilidades, de vivenciar expressões de sexualidade, entre outras tantas formas de exercer identidades e subjetividades” (XAVIER FILHA; BACARIN, 2014, p. 51).

Xavier Filha (2009, p. 72), indica que, “as pedagogias culturais instigam-nos a pensar sobre o que está sendo produzido para a infância na atualidade e sobre como as crianças se apropriam de tais produtos mediante discursos e constituição de suas identidades”. As pedagogias culturais são, então, locais/espços em que as identidades são produzidas.

Assim, como os livros, segundo a autora, “os filmes são importantes artefatos culturais que estão a nos dizer quem devemos ser, como nos comportar, como ser meninas-mulheres, meninos-homens de determinados jeitos...” (XAVIER FILHA, 2014, p. 12).

A autora destaca:

Não têm como objetivo uma análise desprazerosa, com o objetivo de apresentar um discurso de ‘verdade’ sobre os filmes; pelo contrário, a partir dos vários artigos, de autorias e perspectivas teóricas diversas, pretendem problematizar aspectos apresentados com as questões que envolvem infâncias, sexualidades e gêneros a partir da linguagem audiovisual (XAVIER FILHA, 2014, p. 12).

Os artefatos culturais que produzem as pedagogias culturais produzem/reproduzem saberes e valores, normalizam condutas e modos de ser e agir e, com isso, constituem identidades. Na concepção de Silva (2000), sobre pedagogia cultural, o autor cita:

Na nomenclatura de analistas como Shirley Steinberg e Henry Giroux, inspirada nos Estudos Culturais, qualquer instituição ou dispositivo cultural que, tal como a escola, esteja envolvido — em conexão com relações de poder — no processo de transmissão de atitudes e valores, tais como o cinema, a televisão, as revistas, os museus etc. (SILVA, 2000, p. 89).

Deste modo, entendemos que a pedagogia cultural facilita entender os vários meios educativos, artefatos culturais, como: filmes, desenhos animados, mídia, jornais, revistas e livros infantis. Pois, educam e ensinam determinados modos de ser, ver, pensar e agir sobre determinadas coisas.



IV Congresso de Educação do CPAN
III Semana Integrada de Graduação e Pós-Graduação do CPAN
'Interfaces da docência: olhares e movimentos da formação inicial de professores'

Sabat (2008), em seu artigo intitulado “*Gênero e sexualidade para consumo*”, a autora enfatiza que:

Em qualquer sociedade, os inúmeros artefatos educativos existentes têm como principal função con/formar os sujeitos, moldando-os de acordo com as normas sociais. Grande parte desses artefatos educativos está inserida na área cultural como, por exemplo, televisão, cinema, revistas, livros ou histórias em quadrinhos. De qualquer forma, são revestidos de características “inocentes”, como prazer e diversão, que também educam e produzem conhecimento. (SABAT, 2008, p.149).

Todavia, há relações de poder em variados espaços, ultrapassando além do espaço escolar, como cita a autora, em diversas áreas culturais que vão sendo ocupadas e reconhecidas na sociedade, com isso vamos aprendendo em diferentes contextos, por meio de diversas estratégias chamadas de pedagogias culturais.

Segundo Giroux (1998):

Ao analisar toda a gama dos lugares diversificados e densamente estratificados de aprendizagem, tais como a mídia, a cultura popular, o cinema, a publicidade, as comunicações de massa e as organizações religiosas, entre outras, os Estudos Culturais ampliam nossa compreensão do pedagógico e de seu papel fora da escola como o local tradicional da aprendizagem. (p. 90).

É interessante refletirmos o quanto limitamos as nossas práticas pedagógicas dentro da escola, o quanto a infância tem sido regulada por meio das nossas ações, enquanto professores/as e por meio de alguns artefatos culturais que circulam no âmbito escolar.

No entendimento de Rael (2008):

Devido ao desenvolvimento tecnológico, à abundância e à velocidade da informação as formas de aprender estão se modificando. A escola continua sendo uma das principais instituições responsáveis pela propagação do conhecimento, embora não mais vista como a instituição central. Gradativamente está ocorrendo um afastamento do entendimento da escola como o único local de construção e de divulgação dos saberes. Assim, o cinema, os documentários, os *shoppings*, os museus, os brinquedos, os *vídeo games* e a mídia em geral podem ser compreendidos como instâncias educativas, locais de informação e entretenimento, onde circulam também concepções de gênero, sexualidade, raça, etnia, classe social, entre outras. Uma novela de televisão, uma propaganda, um desenho animado podem, ser vistos como produtores e veiculadores de representações que sugerem determinados comportamentos e identidades sociais, e que, de algum modo, acabam por regular nossas vidas. (p. 160).



IV Congresso de Educação do CPAN
III Semana Integrada de Graduação e Pós-Graduação do CPAN
'Interfaces da docência: olhares e movimentos da formação inicial de professores'

A autora acima citada analisou a “construção” de um ideal de feminilidade veiculado pelos desenhos. No decorrer de suas análises, foi verificado que “nos desenhos animados são apresentadas formas de feminilidade, são enfatizados determinados comportamentos, gestos e posturas; são mostradas representações “ideais” de corpo e de aparência.” (RAEL, 2003, p. 169). Portanto, os desenhos animados assim como os livros infantis são uma instância social que vem produzindo e reproduzindo conceitos sobre os mais variados aspectos, procurando valorizar um tipo de comportamento.

Percebemos que os artefatos culturais, sejam eles filmes ou livros, são importantes instrumentos de entreter e educar sujeitos, dentre eles crianças. Urge a nossa discussão e estudo sobre eles e com eles. Foi esse o nosso intuito ao trazer um dos artefatos, no caso o livro “As aventuras da Princesa Pantaneira”, para discutir e problematizar com crianças em diversas ações e projetos em instituições educativas em Corumbá. Passaremos a descrever as ações a seguir e suas problematizações teóricas.

“AS AVENTURAS DA PRINCESA PANTANEIRA” EM INSTITUIÇÕES EDUCATIVAS EM CORUMBÁ: PENSAR E DISCUTIR SOBRE SER PRINCESA NO PANTANAL SUL-MATO-GROSSENSE

O livro “As aventuras da Princesa Pantaneira” como artefato cultural, trás muitas discussões e significações, dentre as quais estão à questão das feminilidades. A feminilidade é construída como um processo dinâmico em que o sujeito torna-se o construtor de sua própria vida e sua própria maneira de ser feminino. Nos itens seguintes trazemos o relato das experiências, partindo das representações de feminilidade apresentadas e constituídas nos textos escritos e ilustrações do livro e posteriormente, as discussões teóricas embasado nos Estudos de Gênero e nos artefatos culturais.

“AS AVENTURAS DA PRINCESA PANTANEIRA” EM INSTITUIÇÕES DE ENSINO EM CORUMBÁ: RELATO DAS EXPERIÊNCIAS

Os livros infantis são artefatos culturais que trazem muitas questões a problematizar. Dentre elas, as feminilidades. Neste item analisamos os livros infantis



IV Congresso de Educação do CPAN
III Semana Integrada de Graduação e Pós-Graduação do CPAN
'Interfaces da docência: olhares e movimentos da formação inicial de professores'

como instrumentos pedagógicos e como são construídas as feminilidades, em especial priorizando o livro “As aventuras da Princesa Pantaneira” de Tina Xavier (2012). Buscamos analisar partes do livro e das ações desenvolvidas em ações educativas no município de Corumbá a partir de projetos coordenados pela Secretaria Municipal de Educação.

O livro infantil “As aventuras da Princesa Pantaneira”, segundo Xavier Filha (2016), foi lançado em 2012, conta a história de Camuela, uma princesa que mora no Pantanal e que recebeu dos bichos e de seus amigos, o apelido de “Princesa Pantaneira”.

Camuela tem como bichos de estimação, o jacaré Godofredo e a capivara Sofia. Um dia, ouviu o grito mais assustador de sua vida. Saiu para a sua principal aventura: salvar o príncipe, preso no mais alto da torre, rodeada por bichos enfeitiçados (XAVIER FILHA, 2016, p. 32).

O livro “As aventuras da Princesa Pantaneira” fez parte de algumas ações de projetos da Secretaria Municipal de Corumbá nos anos de 2017, 2018 e 2019. Uma quantidade de livros foi doada pela autora para a secretaria. A doação ocorreu a pedido do Núcleo de Ensino Fundamental, do qual a Técnica compunha a equipe da Secretaria no ano de 2017 e que fora a grande difusora do livro na cidade, a mesma profissional faz parte do grupo de estudos GEPSEX, do qual a autora do livro é coordenadora. Os livros seriam socializados em instituições educativas e ações para atender a zona urbana, zona rural e as crianças ribeirinhas⁴.

No ano de 2017, o livro da Princesa Pantaneira fez parte do “Projeto de incentivo à leitura: biblioteca itinerante da REME”. O seu principal objetivo foi o de desenvolver a prática da leitura de estudantes do Ensino Fundamental I das Escolas da Rede Municipal de Ensino da cidade de Corumbá, bem como a prática da oralidade, visando à formação de leitores/as conscientes e críticos com a participação da comunidade nos espaços escolares e públicos. Dentre as ações que a equipe da Secretaria Municipal de Educação trabalhou com o livro, foi a contação de história, dramatização e a realização de uma oficina (ações desenvolvidas pela equipe), da qual problematizamos com as/os professoras/es do Ensino Fundamental, a constituição de feminilidades e outro jeito de ser princesa.

⁴Conforme Cruz (2018) é criança moradora do Pantanal, que vive e reside nos estados de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul, constituindo população que habita nas maiores áreas inundável do Pantanal.



IV Congresso de Educação do CPAN
III Semana Integrada de Graduação e Pós-Graduação do CPAN
'Interfaces da docência: olhares e movimentos da formação inicial de professores'

No ano de 2018 as ações do projeto foram mais intensas e instigantes. As crianças ribeirinhas tiveram maior acesso ao livro. As crianças se identificaram com a Princesa pelo fato dela viver no Pantanal, usar short e bota, gostar dos animais, comer chipa, tomar tereré e domar cavalo bravo. Essas ações eram muito comuns no cotidiano das crianças que vivem no Pantanal sul-mato-grossense e por isso a identificação com a personagem do livro, algo quase inimaginável para a maioria dos artefatos culturais que trazem realidades muito diferentes das vividas por elas.

Concordamos com Xavier Filha (2016) quando nos diz que

Vários elementos levantados nas falas das crianças no início da pesquisa foram problematizados ao longo do processo da construção da imagem dessa nova princesa. Ela é morena, criança, corajosa, alegre, monta e doma cavalo bravo, salva o príncipe, é decidida, às vezes tem dúvidas, sente medo e pede colo, mas logo volta a sonhar, a imaginar e a viver muitas aventuras. (XAVIER FILHA, 2016, p. 32).

Segundo a autora a questão de gênero passou a ser amplamente discutida nesse processo de desconstrução da idealização da princesa pelas crianças, em sua pesquisa. O gênero é parte constituinte do modo como os sujeitos vão construindo suas identidades, arranjando e desarranjando seus lugares sociais, suas disposições, suas formas de ser e de estar no mundo em relações sociais atravessadas por diferentes discursos, símbolos, representações e práticas.

Nos estudos de Scott (1995), a autora destaca que, quando refletimos a respeito dos papéis femininos e masculinos na sociedade, não estamos colocando em oposição homens e mulheres, mas sim aprofundando a necessidade de desconstruir a supremacia do gênero masculino sobre o feminino em busca de uma igualdade política e social, bem como de classe e raça. Desta maneira, “o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais com base nas diferenças percebidas entre os sexos” (SCOTT, 1995, p. 86), é uma forma de pensar para além de um instrumento descritivo, escapando do dualismo do binômio homem/mulher, masculino/feminino.

A questão de gênero é presente no livro na medida em que questiona as condutas e jeitos de ser da princesa. Isso foi amplamente tencionado em todas as ações dos projetos em todos os anos da sua existência.

No decorrer das atividades envolvendo o livro “As aventuras da Princesa Pantaneira” procuramos enfatizar que o gênero é relacional. Ao discutirmos com as crianças sobre o livro infantil, não só estávamos falando da constituição de feminilidade



IV Congresso de Educação do CPAN
III Semana Integrada de Graduação e Pós-Graduação do CPAN
'Interfaces da docência: olhares e movimentos da formação inicial de professores'

de Camuela e sim, também da masculinidade hegemônica que é considerada ideal, principalmente em relação ao príncipe do livro que se mostra viver uma outra masculinidade como uma pessoa frágil e sensível.

No ano de 2019 as ações envolvendo o livro resultaram em um projeto de uma professora do Ensino Fundamental I para concorrer a um projeto da Secretária Municipal de Corumbá “O professor por excelência”.

No ano de 2019, após o término do projeto, tivemos uma experiência importante de fazer uma roda de conversa da autora do livro com as crianças de uma escola municipal de Corumbá que estava realizando um projeto de leitura sobre o referido livro. Isso nos faz afirmar que o projeto ganhou vida própria porque ganhou continuidade após a sua finalização pela Secretaria Municipal de Educação.

O livro “As aventuras da Princesa Pantaneira” hoje, está presente em quase todas as instituições municipais de Corumbá. O livro faz parte de rodas de leituras e de projetos nas escolas e centros de Educação Infantil provocando discussões, encantamento e questionamentos sobre outros jeitos de ser princesa, de ser príncipe, de ser criança pantaneira.

Este livro é de grande relevância para que nós educadoras/es possamos repensar a nossa prática pedagógica voltadas/os para as discussões de gênero, temática esta que, na maioria das vezes, está ausente do contexto escolar. E também possamos pensar sobre questões da identidade local, da regionalidade, das nossas cores e sabores de viver no Pantanal.

“AS AVENTURAS DA PRINCESA PANTANEIRA” EM INSTITUIÇÕES DE ENSINO EM CORUMBÁ: DISCUSSÕES TEÓRICAS

Todas as ações envolvendo o livro “As aventuras da Princesa Pantaneira” de alguma forma vêm contribuindo para a prática pedagógica dos/as docentes, para que repensem e passem a questionar imagens e textos referentes às questões de gênero ao utilizar o livro infantil, bem como de outros livros e demais artefatos culturais para a infância. Ao questionar e problematizar os livros urge pensá-los para além dos propósitos do letramento e da alfabetização das crianças, mas também para trabalhar outros conceitos, também importantes para a constituição das subjetividades das



IV Congresso de Educação do CPAN
III Semana Integrada de Graduação e Pós-Graduação do CPAN
'Interfaces da docência: olhares e movimentos da formação inicial de professores'

crianças, como questões de gênero, das diferenças, da igualdade entre meninas e meninos, dentre outros tantos assuntos que propiciem uma educação mais justa para todas as pessoas.

Nas análises do livro “As aventuras da Princesa Pantaneira” especificamente neste texto no campo dos Estudos de Gênero, conceituando como a construção das feminilidades é produzida/ veiculada e pensar o livro como um artefato cultural que vai além de proporcionar entretenimento e distração/fruição/leitura/prazer, mas, também pensa-los como poderosos instrumentos para produzir padrões, com discursos que muitas vezes reiteram e reafirmam a questão de gênero como natural e a heteronormatividade como um único modelo a ser seguido.

No livro “As aventuras da Princesa Pantaneira” a constituição da feminilidade da Camuela é algo que marcou e marca muito nas discussões com as crianças. No trecho do livro “*É, alegre, corajosa, valente, inteligente e muito esperta*” (XAVIER FILHA, 2012, p. 05), a feminilidade de Camuela é diferente das princesas vistas nos livros infantis, as quais vivem cercadas pelo universo das condutas que são culturalmente designadas como femininas. A Camuela é morena, criança, corajosa, alegre, salva o príncipe, é decidida, às vezes tem dúvidas, sente medo e pede colo, mas logo volta a sonhar, a imaginar e a viver muitas aventuras. A feminilidade de Camuela institui a sua identidade.

Concordamos com Furlani (2012) que destaca que “os estudos feministas estavam (estão) assumidamente interessados em mostrar as desigualdades entre homens e mulheres, inclusive do fazer científico – da Ciência” (FURLANI, 2012, p. 296). Os estudos feministas vêm contribuindo também para análises teóricas e questões relacionadas às metodologias de pesquisas.

Ao pensarmos o livro infantil como artefatos que discutem, produzem/reproduzem saberes e valores que, muitas vezes, regulam modos de ser e agir, constituindo identidades, em um trecho do livro “As aventuras da Princesa Pantaneira”, “*Ela brinca de pega-pega, de soltar pipa, de futebol, mas a brincadeira favorita é a faz-de-conta, inventa cada coisa!*” (XAVIER FILHA, 2012, p. 06). As imagens da Princesa Camuela jogando futebol e soltando pipa, foi algo encantador ao serem problematizadas com as crianças nas ações do projeto em Corumbá.



IV Congresso de Educação do CPAN
III Semana Integrada de Graduação e Pós-Graduação do CPAN
'Interfaces da docência: olhares e movimentos da formação inicial de professores'

De acordo com Louro quando se refere ao gênero como o “modo como as diferenças sexuais são compreendidas numa dada sociedade, num determinado grupo, em determinado contexto” (LOURO, 1997, p. 77). Portanto, não é a diferença sexual entre homens e mulheres que delimita as questões de gênero, e sim os modos como ela são apresentadas na nossa cultura e a maneira de falar e pensar sobre o assunto.

Nas pesquisas de Xavier Filha e Rocha, as autoras analisam como:

o conceito de gênero questiona a construção da(s) feminilidade(s) e da(s) masculinidade(s), em relação às concepções essencialistas e universalizantes, por entendermos que feminino ou masculino varia de acordo com cada sociedade e/ou cada cultura, em cada momento histórico específico. (XAVIER FILHA; ROCHA, 2014, p. 180).

As formas de constituir o masculino ou o feminino, como destaca são demarcadas e construídas socialmente, segundo Louro (1997). O ser masculino e ser feminino não existem naturalmente e sim são construções. Partindo disto, podemos afirmar, em conjunto com Xavier Filha, que:

O conceito de gênero é relacional, ou seja, não diz respeito somente ao gênero feminino, mas à constituição de masculinidades e feminilidades nas relações sociais e culturais. Este conceito nos faz pensar sobre as representações de ideal de professor/a da Educação Infantil e também sobre o que se espera socialmente de meninos e meninas. (XAVIER FILHA, 2012, p. 31).

De acordo com Xavier Filha o conceito de gênero “não se prioriza a construção do feminino em detrimento do masculino, mas pensamos nas construções relacionais, sociais e culturais entre os sujeitos masculinos ou femininos” (XAVIER FILHA, 2012, p. 169). Sendo assim, a construção do gênero se torna um processo decorrente do contexto de determinada cultura.

A autora argumenta também que os direcionamentos e discursos devam ser problematizados e discutidos sobre as ideias hegemônicas de masculinidades e feminilidades com as crianças desde pequenas.

Segundo Louro (1997, p. 24-25), a autora nos diz “entender o gênero como constituinte da identidade dos sujeitos”, a autora também entende que os sujeitos possuem não somente uma, mas várias identidades, e que as mesmas podem apresentar caráter transitório, as mesmas se modificam ao longo do tempo. Portanto, o conceito de gênero conceitua que as identidades sexuais são construídas socialmente e



IV Congresso de Educação do CPAN
III Semana Integrada de Graduação e Pós-Graduação do CPAN
'Interfaces da docência: olhares e movimentos da formação inicial de professores'

culturalmente, contraponto qualquer explicação naturalista apoiada em conceitos biológicos dos comportamentos de homens e mulheres.

No trecho do livro *“Solta os animais presos. Doma cavalo bravo”* (XAVIER FILHA, 2012, p. 07), deduzimos que muitos comportamentos ativos por mulheres e homens, se mostram nas suas formas de serem, identidades e nos modos que são construídos na sociedade e são passíveis de mudanças. De acordo com Louro (1997):

Ao afirmar que o gênero institui a identidade do sujeito (assim com a etnia, a classe, ou a nacionalidade, por exemplo) pretende-se referir, portanto, a algo que transcende o mero desempenho de papéis, a ideia é perceber o gênero fazendo parte do sujeito, constituindo-o. O sujeito é brasileiro, negro, homem, etc. Nessa perspectiva admite que as diferentes instituições e práticas sociais são constituídas pelos gêneros e são, também, constituintes dos gêneros [...]. (p. 25).

O gênero como categoria analítica, analisa o comportamento dos sujeitos, começando das muitas diferenças culturais e sociais, que são construídas ao longo do tempo. O gênero analisa as várias vivências dos sujeitos, ultrapassando em seu caráter biológico. Ainda considerando as análises de Louro (1997), podemos entender que as relações de gênero interagem na integração da identidade e que a mesma intervém na constituição do gênero.

Em outro trecho do livro *“Pularam, descabelaram-se, sujaram-se, refestelaram-se... Brincaram de ser menino, de ser menina de muitos jeitos, de ser quem quisessem. Foram livres”* (XAVIER FILHA, 2012, p. 24). A constituição da feminilidade de Camuela é marcada pela diferença, mostrando a possibilidade de ser menina de outro jeito para além do modelo idealizado pela sociedade. Os livros para a infância fabricam as identidades de gênero que vão se integrando com esses artefatos culturais. Para a Scott (1995, p. 86) o “gênero é como um elemento constitutivo das relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos, quanto uma maneira primária de significar relações de poder”. Segundo a autora, são as estratégias de dominação que sustentam a construção binária da diferença entre os dois sexos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foi possível pensarmos como o livro *“As aventuras da Princesa Pantaneira”* de Tina Xavier (2012) produz representações de feminilidades dentro de um caminho teórico-metodológico fecundo. As discussões oriundas a partir do livro, nos possibilitou



IV Congresso de Educação do CPAN
III Semana Integrada de Graduação e Pós-Graduação do CPAN
'Interfaces da docência: olhares e movimentos da formação inicial de professores'

aprender muito sobre a diversidade de opiniões que são construídas e sobre a escuta interessada, sensível e compreensiva, que tem significações importantes presentes na história analisada.

Este artigo teve por objetivo identificar a constituição de feminilidades no livro “As aventuras da Princesa Pantaneira”. No decorrer das análises do livro para a infância, focamos nosso olhar sobre a constituição das feminilidades. Para tanto, utilizamos também os conceitos de gênero, feminilidade, pedagogias culturais e identidade de gênero. Esses conceitos foram fundamentais para compreender o gênero como um marcador identitário concebido de modo relacional, que posiciona o feminino e o masculino de determinado modo.

Por meio das discussões do livro para a infância foi possível perceber que o mesmo veicula representações de feminilidades e que as mesmas são construções sociais. Essas várias formas de ser feminino estão presentes na sociedade, estão a todo o tempo afetando e instituindo identidades de gênero dos sujeitos que interagem com esses artefatos culturais. Por isso a necessidade de se discutir sobre elas em artefatos como os livros, procurando desnaturalizá-las, discuti-las, provocar novas formas de ser para as meninas e também para os meninos.

Utilizar o livro como mediador de leitura e discussões em ações no projeto em instituições educativas de Corumbá foi desafiador e instigante. Questionamos e provocamos discussões. As crianças geralmente gostam do mundo da fantasia e das histórias de princesas e príncipes. Porém ainda há poucas princesas que fogem da normatividade de gênero e menos ainda que são tão próximas da realidade cotidiana das crianças pantaneiras como a Princesa Pantaneira. Os olhos ficavam brilhantes em saber que ela gostava de comer coisas comuns a elas, que as meninas poderiam ser corajosas e os meninos sensíveis. Muitos desafios e tentativas de construção de novas realidades para nossas crianças!

REFERÊNCIAS

CRUZ, Mirian Bastos de Oliveira. **A ciranda dos jogos e brincadeiras nas falas das crianças ribeirinhas**. (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campus do Pantanal, MS, 2018.

FURLANI, Jimena. Brinquedos infantis e respeito aos animais domésticos – estratégias a uma educação sexual infantil voltada a equidade de gênero. In: LOURO, Guacira



IV Congresso de Educação do CPAN
III Semana Integrada de Graduação e Pós-Graduação do CPAN
'Interfaces da docência: olhares e movimentos da formação inicial de professores'

Lopes. **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação.** 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

GIROUX, H. A. e McLaren, P. L. Por uma pedagogia crítica da representação. In: SILVA, T. T e MOREIRA, A. F. B. (Orgs.). **Territórios contestados: o currículo e os novos mapas políticos e culturais.** Petrópolis: Vozes, 1998.

GOELLNER, Silvana Vilodre. A produção cultural do corpo. **In Corpo, Gênero e Sexualidade,** Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, Sexualidade e Educação – Uma perspectiva pós-estruturalista.** 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1997.

RAEL, Claudia Cordeiro. Gênero e sexualidade nos desenhos da Disney. In: LOURO, Guacira Lopes. **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação.** 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

SABAT, Ruth Ramos. Gênero e sexualidade para consumo. In: LOURO, Guacira Lopes **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação.** 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. In: **Educação e Realidade.** Porto Alegre: UFRGS, 1995.

SILVA, Tomaz Tadeu. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais.** Petrópolis: Vozes, 2000.

SILVA, Maria Carolina da. **A infância no currículo de filmes de animação: poder, governo e subjetivação dos/as infantis.** (Dissertação de mestrado). Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, MG, 2008.

XAVIER FILHA, Constantina (Org.). **Sexualidade, gênero e diferenças na educação das infâncias.** Campo Grande: Editora UFMS, 2012.

XAVIER FILHA, Constantina. **Gênero, corpo e sexualidade nos livros para a infância.** Educar em Revista, Curitiba, Brasil, Edição Especial n.1/2014, p. 153-169. Editora UFPR.

XAVIER FILHA, Constantina. **Gênero e resistências em filmes de animação.** Pro-Posições | v. 27, n. 1 (79) | p. 19-36 | jan./abr. 2016

XAVIER FILHA, Constantina. **As aventuras da Princesa Pantaneira.** Campo Grande, MS: Life Editora, 2012.

XAVIER FILHA, Constantina; ROCHA, Cristine Novaes Barbosa da. “Minha vida de João”, “Era uma vez outra Maria” e “Era uma vez uma família”: masculinidades, feminilidades e famílias em discussão. In: XAVIER FILHA, Constantina (Org.). **Sexualidades, gênero e infâncias no cinema.** Campo Grande: Editora UFMS, 2014.



IV Congresso de Educação do CPAN
III Semana Integrada de Graduação e Pós-Graduação do CPAN
'Interfaces da docência: olhares e movimentos da formação inicial de professores'

XAVIER FILHA, Constantina (Org.) **Educação para a sexualidade, para a equidade de gênero e para a diversidade sexual.** Campo Grande: Editora UFMS, 2009.

XAVIER FILHA, Constantina; BACARIN, Telma Iara. O mundo da Barbie em “Escola de Princesas” e em “As três Mosqueteiras”. In: XAVIER FILHA, Constantina (Org.) **Sexualidades, gênero e infâncias no cinema.** Campo Grande: Editora UFMS, 2014.